

Sobre Nossa Identidade

J. Roberto Whitaker Penteado

É curioso como se fala pouco sobre escravidão, no Brasil. Tem-se a impressão de que se trata de um capítulo da nossa história que foi fechado duas vezes: a primeira, em 1888, quando os estadistas da época decidiram "queimar" - literalmente - os arquivos sobre o assunto; uma segunda, em 1988, festejando-se, de forma justamente envergonhada, o centenário de uma data que nada significou.

E, no entanto, para o estudo da formação da nossa nacionalidade e - em especial - identidade, é impossível abstrair uma instituição que nos moldou a sociedade e a ordem econômica durante quase quatro dos cinco séculos que se seguiram à chegada dos europeus por aqui. Para quem gosta de estatísticas: oitenta por cento do total.

Dos senhores e dos escravos que se dividiam 30%/70%, em 1650 - e 50%/50% em 1818* - sabemos que pelo menos metade da população atual descende destes; um quarto ou menos, talvez, daqueles e outro quarto são descendentes de ocidentais e orientais que para cá vieram para cuidar do trabalho - socialmente anatematizado.

Não me lembro de ter lido, em qualquer texto de maior divulgação sobre a identidade nacional, a simples informação histórica de que o Brasil é o único estado nacional moderno, de alguma importância, que foi erigido sobre uma base escravocrata. Se não levarmos em conta meia dúzia de sociedades menores, no mundo muçulmano e africano, houve apenas três grandes focos de organização escravista que subsistiram até o Século 19, além do Brasil: o sul dos Estados Unidos e as Antilhas. Esta região fragmentou-se numa multiplicidade de territórios; a Confederação americana foi vencida e "anexada", através de uma guerra de verdade, nunca chegando a existir como nação independente.

Mais: a questão da nossa escravidão tem sido abordada, por estudiosos e pesquisadores, aqui e no exterior, principalmente através de um enfoque étnico, posto que os escravos, no Brasil, eram negros de origem africana, e os senhores - na maioria - brancos de origem européia. Entre esses, pontifica Gilberto Freyre, cuja importância não se questiona, mas que encerrou o tema na camisa de força da casa grande e da senzala... Alguns dos novos (como Heloisa Toller Gomes em *As Marcas da Escravidão* - EDUERJ, 1994) recorreram ao instrumental analítico marxista de lutas de classes que simplesmente não ocorreram aqui.

Indevassada ficou a questão maior: da relação entre o ser humano livre e o ser humano escravo, presente em toda a história da civilização, desde as suas mais longínquas origens. Para Orlando Patterson, um dos principais estudiosos contemporâneos sobre o assunto: dessa relação, nenhuma das partes saiu ilesa...

Tenho certeza de que, a partir de estudos sob esse enfoque, entenderemos muito mais do que caracteriza o comportamento psicológico e social dos brasileiros - e tem permeado nossa evolução histórica na direção de uma identidade distinta.

Isto encontra-se em *Slavery and Social Death*, de Orlando Patterson. Harvard, 1987

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Sobre Nossa Identidade. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteado**, Rio de Janeiro, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=210&ID=309>>. Acesso em: 20 ago. 2009.